



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17825 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

FORMAÇÃO HUMANA, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E SOFRIMENTO PSÍQUICO NO CONTEXTO DO NEOLIBERALISMO: O QUE PODE, AINDA, A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO?

Silas Carlos Rocha da Silva - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

FORMAÇÃO HUMANA, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E SOFRIMENTO PSÍQUICO NO CONTEXTO DO NEOLIBERALISMO: O QUE PODE, AINDA, A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO?

1 INTRODUÇÃO

Ancorado no desejo de contribuir com os estudos e pesquisas da área de Psicologia da Educação, o trabalho em questão aposta na possibilidade de especular sobre os desafios da Formação Humana, colocando em primeiro plano uma dimensão sobre a qual se debruça vitalmente a Educação: a formação da subjetividade. A eleição por priorizar esse campo de análise não é casual, na medida em que “o âmbito que uma série de saberes e práticas *psi* compreende sob o vocábulo subjetividade não é mais, para o neoliberalismo, aquilo que deve ser salvaguardado das práticas de governo” (BENEVIDES, 2017, p. 02).

Formulando o problema de forma mais específica, há algum tempo presenciamos uma espécie de mutação do capitalismo (HAN, 2023; LAVAL, 2019). De acordo com o filósofo sul coreano Byung-Chul Han, “o capitalismo industrial se *mutacionou* em neoliberalismo e em capitalismo financeiro com modos de produção imateriais e pós-industriais” (HAN, 2023, p.14). Como sugere Christian Laval, além da economia, todas as instituições “foram afetadas por essa mutação, inclusive a instituição da subjetividade humana”, uma vez que “o neoliberalismo visa a

eliminação de toda ‘rigidez’, inclusive psíquica, em nome da adaptação às situações mais variadas com o que o indivíduo depara no trabalho e na vida” (LAVAL, 2019, p.39).

Desde aí, “o novo espírito do capitalismo” (BOLTANSKI&CHIAPELLO, 2009) tem lançado mão de um conjunto ampliado de psicotecnologias que, ao invés de tão somente disciplinar corpos e comportamentos, passa a investir no rendimento subjetivo dos indivíduos, a fim de “torná-los mais inteligentes, sábios, felizes, virtuosos, saudáveis”, enfim, fazê-los “empreendedores, satisfeitos, cheios de autoestima” (ROSE, 2011, p. 25), visando o aumento da produtividade. É por essa via que o regime neoliberal descobre e explora a subjetividade humana, transformando-a na matéria-prima fundamental a partir da qual vai incidir o capitalismo atual e as formas de controle que lhe são correlatas.

Salvaguardadas certas diferenças teóricas presentes nas matrizes conceituais mobilizadas pelos autores supramencionados (BOLTANSKI&CHIAPELLO, 2009; ROSE, 2011; LAVAL, 2019; HAN, 2023) não podemos desconsiderar o argumento segundo o qual o capitalismo neoliberal ampliou as maneiras “como a subjetividade é, concomitantemente, produzida e preparada para servir como máquina-competência à sua arte de governar” (CARVALHO, 2020, p. 942). É preciso tornar evidente, portanto, o modo através do qual disposições subjetivas/psicológicas têm sido capturadas e exploradas em função de uma dada racionalidade econômica. Hoje, mais que nunca, esse tipo de racionalidade tem ocupado o centro da vida subjetiva. O que significa dizer que “a nova razão do mundo” (DARDOT, LAVAL, 2016) não é simplesmente um modelo de produção de riquezas, objetos, bens e serviços, como também uma fábrica capaz de produzir um tipo específico de “sujeito”. Nas palavras de Dardot e Laval, “o neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 16).

2 DESENVOLVIMENTO

Neste trabalho, compreendemos o capitalismo neoliberal como um modelo de produção de subjetividades (CAPONI, DARÉ, 2020), quiçá, um tipo específico de fábrica: a “fábrica do sujeito neoliberal” (DARDOT, LAVAL, 2016). E a famosa frase de Margaret Thatcher - “A economia é o método; o objetivo é mudar o coração e a alma” – poderia muito bem ser o *slogan* dessa empresa industrial neoliberal. Pois, com o neoliberalismo o que se coloca em jogo “é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos” (DARDOT, LAVAL, 2016: 16). Em outras palavras, foi preciso transformar os corações e mentes para

que lentamente os sujeitos “internalizassem a racionalidade econômica como a única racionalidade possível” (SAFATLE, 2022, p.24). E, para que essa mudança do espírito pudesse ser realmente efetivada, foi necessário remodelar a *psiquê*, fabricar uma nova subjetividade através de doses maciças de intervenção sobre os processos de subjetivação, até o momento em que a empresa pudesse ser cultivada no coração e na alma das pessoas e “os indivíduos comesçassem a ver a si mesmos como ‘empreendedores de si’” (SAFATLE, 2022, p.24). Encharcar nosso psiquismo de “ontologia empresarial” (FISHER, 2020; MARQUES, GONSALVES, 2020) foi o ingrediente fundamental dessa “revolução das mentalidades” (DARDOT, LAVAL, 2016: 317) perpetrada pela racionalidade neoliberal. Desde então, a empresa foi “promovida a modelo de subjetivação” e cada indivíduo se viu obrigado a comportar-se e perceber a si mesmo como “uma empresa que deve se gerir e um capital que deve se fazer frutificar” (DARDOT, LAVAL, 2016: 378).

Nesse contexto, o ideal empresarial instaurou-se como um novo *ethos*, ou seja, como um novo imperativo moral e como uma nova maneira de viver. Esse *ethos* empresarial, por assim dizer, estabeleceu certa “norma de vida”.

[...] Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar as desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa (DARDOT, LAVAL, 2016, p.16).

Entretanto, o que muitos de nós não tínhamos percebido é que essa nova ética se transformou também em “fundamento para uma nova definição de normalidade psicológica. Nesse sentido, tudo que fosse contrário em relação a tal ordem só poderia ser a expressão de alguma forma de patologia” (SAFATLE, 2022: 32). Em outros termos, o capitalismo neoliberal, ao engendrar um novo *ethos* a partir do qual certas “formas de conduta” foram normalizadas, fabricou não apenas uma nova subjetividade, mas, ao mesmo tempo, produziu um novo jeito de ser que nos levou não apenas a viver de outro modo, mas, ainda, a sofrer de outra maneira. O neoliberalismo, ao produzir um novo *ethos*, tem impulsionado certos modos de subjetivação que – uma vez agenciados pela lógica da autoexploração, da concorrência e da competição generalizada, assim como pela combinação mortífera entre excesso de trabalho e excesso de desempenho - têm operado como vetores das mais variadas formas de sofrimento psíquico, desencadeando “efeitos patológicos aos quais ninguém escapa completamente” (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 361).

É importante salientar que essa mutação do capitalismo afetou não somente

as nossas formas de vida, ao produzir novas subjetividades e certos modos de “subjetivação-sujeição”. Ao lado dela, a própria Educação se tornou alvo das práticas de governo neoliberal. Pois, não foi suficiente construir um novo sujeito. Somando a isso, fazia-se necessário a eleição de um espaço-mundo que funcionasse como “laboratório condicionante” desse processo de governo e produção de subjetividades. Não casualmente, o mundo da educação, sobretudo o espaço da educação escolar, tornar-se-á “chave indispensável a esse processo” (CARVALHO, 2020, p. 936), na medida em que, gradativamente, passou a ser compreendido como lugar privilegiado não só de produção, como também de investimento no ideal do *homo oeconomicus* em sua versão neoliberal que não é outro senão que o “empresário de si”. Assim, caberá à educação, desde a primeira infância, não apenas “viabilizar o desenvolvimento de capital humano, mas também de ajustar os indivíduos para o consumo desse capital”, por meio de uma “formação” permanente e continuada (CAPONI, DARÉ, 2020, p.306). Muito embora a expressão “*life long learning*” – “aprendizagem ao longo da vida” – tenha se tornado o *leitmotiv* dos discursos dominantes, sobretudo quando associada ao uso específico do termo “formação” (LAVAL, 2019), vale destacar, como bem lembram Sandra Caponi e Patrícia Daré, que “é na primeira infância que os valores de empreendedorismo, competição, procura por alta performance e conquista de metas e objetivos devem ser ensinados, mantendo-se ao longo da vida desse ‘empresário de si’” (CAPONI, DARÉ, 2020, p.303). De outro modo, desde que o *ethos* empresarial associou, o mais intimamente possível, formação e produção (LAVAL, 2019), passou a ser função estratégica da educação, desde a formação inicial, “formar capitais”, ou melhor, “sujeitos competentes e eficientes”, quer dizer, rentáveis, produtivos, preparados para o mercado (CAPONI, DARÉ, 2020, p.310). Em outros termos, diz Alexandre Filordi:

[...] a função da educação é preparar seus sujeitos para a entrada em um mundo tenebroso de desigualdade social, de desafios, de multiculturalidade, de exigências à criatividade, de demanda à sociabilidade passiva, meramente respeitosa e não transformadora dos avatares de sua injustiça produzida economicamente (CARVALHO, 2020, p.946)

Por essa via, no contexto do capitalismo neoliberal, a educação, ela mesma, passará por uma modificação. Longe de ser compreendida enquanto processo de formação humana, quero dizer, de trans-formação do humano, paulatinamente, a educação passa a ser considerada apenas uma mercadoria, “um serviço prestado ao mundo econômico” (Relatório da Mesa-Redonda Europeia, 1995 apud LAVAL, 2020, p. 67). E as palavras de Christian Laval resumem os interesses que estão em jogo: a educação, e mais precisamente a educação escolar, “deveria ‘se adaptar’ ao mercado generalizado, segundo o verbo em vigor, porque esse é o estado

natural da sociedade, e não ‘resistir’, como se esperaria” (LAVAL, 2019, p.125). A síntese do que está em jogo neste tipo de conveniência captura, de forma bastante precisa, o que Mark Fisher chamou de “realismo capitalista”: “o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele” (FISHER, 2020, p.10).

Na contramão desse tipo de sentimento, o filósofo, professor e crítico cultural britânico, tentou mostrar, através de exemplos retirados do próprio campo educacional, “que o ostensivo ‘realismo’ do ‘capitalismo’ na verdade não tem nada de realista” (FISHER, 2020, p.34). Um desses exemplos analisados pelo teórico e crítico cultural foi a problemática da saúde mental. O autor, que lutou de forma constante durante sua vida “contra e com a depressão, utilizando-a em seus argumentos” (GALVÃO, 2023, p.99), prioriza os problemas da saúde mental porque, para ele, por um lado, a saúde mental, além de ser um caso paradigmático de como o capitalismo neoliberal opera, ao produzir subjetividades para atender às necessidades do mercado, por outro lado, essa problemática também tem figurado com bastante “força em uma área da cultura que tem sido cada vez mais dominada pelos imperativos do realismo capitalista: a educação” (FISHER, 2020, p. 38).

Não é difícil perceber que a quantidade de crianças e jovens diagnosticadas com Ansiedade, Depressão e Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) só tem crescido nas últimas décadas. E tem sido “justamente no âmbito escolar que essa atribuição de diagnósticos ocorre inicialmente” (CAPONI, DARÉ, 2020, p.314). Se analisarmos com cuidado o âmbito escolar, perceberemos que, “para além de situações socialmente condenáveis, como o *bullying*, o assédio entre pares” ou a violência escolar, a própria remodelagem dos processos de “subjetivação-sujeição” impulsionada pelo neoliberalismo - ao transformar o sistema educacional numa espécie de laboratório por meio do qual os princípios neoliberais pudessem ser ensinados - tem provocado imensuráveis sofrimentos psíquicos nos sujeitos que fazem parte das práticas educativas (CAPONI, DARÉ, 2020, p.315). Não se pode ignorar que essa lógica de produção de subjetividade própria do neoliberalismo - um verdadeiro “processo de objetivação do *self* que transforma indivíduos em ‘recursos humanos’, isto é, em sujeitos descartáveis e em permanente concorrência” (CAPONI, DARÉ, 2020, p.309) -, para que pareça funcionar, cobra um “custo subjetivo” extremamente alto, sobretudo das crianças e dos adolescentes (DARDOT, LAVAL, 2016, p.371).

Diante desse cenário de degradação da vida subjetiva e instrumentalização da educação, e considerando que os sujeitos tem se distanciado cada vez mais do significado da educação entendido enquanto processo de trans-formação humana, por simplesmente reproduzirem os parâmetros e princípios de uma dada racionalidade econômica, perguntamo-nos: o que pode, ainda, a Psicologia da Educação? Como a Psicologia da Educação pode contribuir para resistir ou romper

com os modos de “subjetivação-sujeição” impulsionados pelo neoliberalismo que tem colonizado as subjetividades na contemporaneidade? Em que medida a psicologia da educação pode contribuir para impulsionar processos de subjetivação ética e política resistentes às psicotecnologias neoliberais de captura, exploração e degradação da vida subjetiva/psicológica?

Neste trabalho, pensamos que a resposta para essas questões passa necessariamente pela capacidade do próprio campo de problematizar uma dimensão crucial de nosso tempo: a produção e a gestão neoliberal do sofrimento psíquico (SAFATLE, SILVA JÚNIOR, DUNKER, 2022; 2018) que, diga-se de passagem, foi agravado e intensificado durante a pandemia viral. Nas palavras de Dardot e Laval, “a compreensão do neoliberalismo é, a nosso ver, uma questão estratégica universal” (DARDOT, LAVAL, 2016, p.14), sobretudo se levarmos em consideração que a pandemia de Covid-19 maximizou “os mecanismos de poder que estão ‘para além da biopolítica’” (MATOS, GARCÍA COLLADO, 2020, p. 07). Pensamos que se faz necessário problematizar as práticas de governo neoliberal, a fim de, por um lado, desnaturalizar os atuais modos de “subjetivação-sujeição”, abrindo a possibilidade para a criação de outras maneiras de viver (DARDOT, LAVAL, 2016) e, por outro lado, politizar determinadas questões que o capitalismo neoliberal insiste em tratar como um “mero fato natural”, como a atual pandemia de adoecimento mental (FISHER, 2020).

3 CONCLUSÃO

Na esteira de Mark Fisher (2020) assumimos a defesa de que é preciso deslocar para um outro horizonte de sentido a atual proliferação de “patologias”, “transtornos”, “colapsos mentais” e “infartos psíquicos” (HAN, 2017) que têm assolado nossas sociedades e mais precisamente o mundo da educação. “Em vez de atribuir aos indivíduos a responsabilidade de lidar com seus problemas psicológicos, aceitando a ampla *privatização do estresse*” que ocorreu nas últimas décadas (FISHER, 2020, p. 37), temos que nos perguntar: quando se tornou admissível que um número tão grande de pessoas, e especialmente um número considerável de adolescentes esteja sofrendo e adoecendo mentalmente? Por que temos admitido como um mero fato natural a pandemia de ansiedade e depressão, sobretudo entre aqueles que o professor Hugo Monteiro Ferreira chamou de “geração do quarto” (FERREIRA, 2023)? Quando se tornou tolerável que um número grande de adolescentes esteja se suicidando, como decorrência, dentre outros fatores, do crescimento da prevalência de adoecimentos mentais e das desigualdades sociais (SEBASTIÃO, 2024)? Concordamos com Mark Fisher: a pandemia de adoecimento mental em nossas sociedades “deveria sugerir que, ao invés de ser o único sistema que funciona, o capitalismo [neoliberal] é

inerentemente disfuncional, e o custo para que ele pareça funcionar é demasiado alto” (FISHER, 2020, p. 37). Por este motivo, parafraseando Michel Foucault, o papel da psicologia da educação não deveria se resumir “a descobrir o que está escondido, mas sim tornar visível o que precisamente é visível”, dar a ver o que está tão intimamente próximo a cada um e cada uma de nós que, por isso mesmo, não chegamos a perceber (FOUCAULT, 2006, p.44).

Palavras-chave: Formação Humana. Subjetividade. Sofrimento Psíquico. Psicologia da Educação. Neoliberalismo.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, P. S. Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência. **Psicologia & Sociedade**, 29, e164064, 2017.

BOLTANSKI, L., CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAPONI, Sandra; DARÉ, Patricia K. Neoliberalismo e Sofrimento Psíquico: A Psiquiatrização dos Padecimentos no Âmbito Escolar. **MEDIAÇÕES**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 302-320, mai-ago. 2020. DOSSIÊ – Racionalidade Neoliberal e Processos de Subjetivação Contemporâneos E-ISSN: 2176-6665. DOI: 10.5433/2176-6665.2020v25n2p302.

CARVALHO, A. F. Foucault e o neoliberalismo de subjetividades precárias: incidências na escola pública brasileira. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 6 N.3 – pag 935-956 (set - dez 2020): “Itinerâncias entre Michel Foucault e Educação” DOI:10.12957/riae.2020.54579

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, H. M. **A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o mundo do que o fim**

do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOUCAULT, M. A Filosofia Analítica da Política. In: MOTTA, M. B. (org.). **Ética, Sexualidade, Política**. 2ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GALVÃO, Antonio. **Do realismo capitalista ao comunismo ácido**: o legado de Mark Fisher. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o Neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2023.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

MARQUES, Victor; GONSALVES, Rodrigo. “Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo”. In: FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020. pp.163-207.

MATOS, Andityas Soares; COLLADO, Francis García. **O vírus como filosofia. A filosofia como vírus**. São Paulo: GLAC edições, 2020.

ROSE, N. **Inventando nossos selfs**. Psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SAFATLE, V., SILVA JÚNIOR, N., DUNKER, C. (Orgs.). **Patologias do social**: arqueologias do sofrimento psíquico (p. 7-31). Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SAFATLE, V., SILVA JÚNIOR, N., DUNKER, C. (Orgs) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SAFATLE, Vladimir. “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”. In: SAFATLE, V., SILVA JÚNIOR, N., DUNKER, C. (Orgs) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. pp. 17-46.

SEBASTIÃO, Mariana (Cidacs/Fiocruz Bahia). Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil. **Portal Fiocruz**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>. Acesso em: 22 de Maio de 2024.